

MICRO-SINDICATOS. PROTESTOS EM VERSÃO XS

# Toureiros e cabele

Têm poucos associados e a maioria nem paga quotas: mas há organizações que defendem os trabalhadores da banca de casino, as profissionais do penteado e muito, muito mais

TERESA GENS

## COBRAR QUOTAS NOS SALÕES

Como nos cadernos eleitorais, centenas de nomes jazem nos ficheiros do Sindicato dos Profissionais do Penteado, Arte e Beleza. Maria Auxiliadora não é funcionária, mas, por 150 euros mensais e um curso de cabeleireiro no fim, vai fazendo o trabalho de limpar os registos. Tem muito que fazer: dos 27 mil associados, apenas 400 pagam a quota mensal de 3,50 euros, cobrados porta à porta. É curto para as despesas da casa: um funcionário a *full time*, água, luz, renda de 270 euros e advogado. Se não chega, Fátima Curadinho tira do porta-moedas. É a primeira mulher a tomar conta do sindicato. Levou com ela umas 900 colegas, “esteticistas que nem sabiam que isto existia”. Promete uma revolução: “O melhor centro de formação de cabeleireiro e estética do País é nosso e os alunos têm emprego garantido.” A tabela salarial cristalizou há sete anos. Na luta usa o Facebook, tem 200 amigos. Não chega, mas isso não a intimida: “Mais tarde ou mais cedo vão ver-nos na rua.”

## TOUREIROS POUCO SINDICAIS

Diamantino Viseu contracenava com Amália, toureiros e artistas eram inseparáveis. Vem daí a moda do nome artístico: Joaquim Tenório preferiu Bastinhas e Luís Vicente quis ser Rouxinol. Hoje os novos talentos usam o nome de família. Entre os toureiros, outra coisa que caiu em desuso foi



a palavra sindicato. Querem “distanciar-se da conotação política que a palavra tem”. Vão, por isso, apagar da lista telefónica e da Internet todos os registos em nome do Sindicato dos Toureiros. A nova direcção prefere Associação, assume Hugo Ferro, o secretário-

## Ainda “vão ver-nos na rua”, garante a presidente dos Profissionais do Penteado

geral. Não que sejam “elitistas, e nem os toureiros são ricos, como se pensa”. Dos seus 270 membros nem um vive do toureiro, “na verdade têm de polir os dourados dos fatos antes de entrar na arena”, que a crise não dá para fatos novos.

São interlocutores do Ministério da Cultura, agora secretaria de Estado, onde “têm

ideia de que o toiro é preto e tem cornos”, e pouco mais, diz. Também ajudam as empresas organizadoras de touradas e os profissionais a interpretar o Regulamento – o á-bê-cê do espectáculo tauromáquico. Muitas reuniões são feitas nas praças, na arena, entre olés, a ouvir e a aplaudir os que representam. Todos têm o número do secretário-geral, é só ligar.

## MÚSICOS: VENHAM DAÍ OS BAILARINOS

“Isto correu bem?!”, comentava Adriano Aguiar, pelo seu iPhone, com um companheiro de sindicato. De surpresa, gente da Orquestra Metropolitana de Lisboa e do Sindicato dos Músicos, Profissionais do Espectáculo e do Audiovisual (Cena), cerca de 10, “plantaram-se” na Câmara Municipal de Lisboa e puseram-se cara a cara com a vereado-

# ireiras em luta

O sindicato dos toureiros é *sui generis*: nem sequer quer ser sindicato e vai passar a associação

ra Catarina Vaz Pinto. Antes, pelas vias oficiais, tinham pedido o encontro. Não lhes deram resposta, passaram ao plano B. À vereadora exigiram a demissão da direção da orquestra, que lhes tirou 20% do salário. Ainda assim, os músicos de orquestra são uns privilegiados face aos restantes profissionais representados pelo Cena: precários e intermitentes a recibos. Adriano Aguiar, professor, contrabaixo na Orquestra Sinfónica Portuguesa, preside ao Cena e admite-o. Para ganhar peso político, em 2011, o sindicato dos músicos abriu a porta a outros artistas, hoje é também de actores e bailarinos. As reuniões têm-se feito nos palcos do Trindade ou da Comuna. A ampliação trouxe 100 novos membros à lista de 2.000 sindicalizados. Mas em rigor só um quarto destes paga a quota “possível” a um precário (o previsto na lei é 1% da remuneração mensal). O Cena conta com os donativos da GDA (cooperativa de Gestão dos Direitos do Artistas) para viver. Temem a “mexida” nas rendas: já custa pagar os 190 euros mensais da sede em Santos, onde estão há 37 anos.

## ASPIRANTES A RONALDO, MAS DESEMPREGADOS

■ “Um dos jogadores do Leiria ficou às escuras por falta de pagamento”, nada que surpreenda Joaquim Evangelista, líder do sindicato dos futebolistas. Com as tesourarias dos clubes em colapso, “culpa dos dirigentes”, histórias de salários em atraso são comuns. Setúbal, Leiria, Guimarães e Bele-

## Fundir para não cair

ENTRE OS PEQUENOS SINDICATOS AS FUSÕES SÃO FREQUENTES, PARA GANHAREM DIMENSÃO

### UMA FUSÃO BEM SUCEDIDA...

O telefone do Sindicato do Pessoal do Serviço Doméstico ainda toca e quem o atende dá-se ao trabalho de explicar: “Já não é aqui, isto estava muito fraquinho e houve uma fusão. Agora faz parte do Stad” – o Sindicato dos Trabalhadores de Serviços de Portaria, Vigilância, Limpeza, Domésticas e Actividades Diversas, vizinho do bar Jamaica, no Cais do Sodré.

### ...E UMA FALHADA

Também para ganhar peso político foi tentada há três anos uma fusão entre o Sindicato dos Músicos e o Sindicato dos Trabalhadores dos Espectáculos, mas acabou por falhar.

nenses têm “problemas graves”, assegura Evangelista. Os jogadores batem à porta do Sindicato dos Jogadores de Futebol Profissionais, um grande entre os pequenos. Dos 4.000 sócios, metade não paga as quotas de

## Alguns clubes de futebol impedem o acesso do sindicato dos jogadores ao balneário

120 euros ao ano, na Primeira Liga, e 100 na Segunda, valor que vai decrescendo com as divisões. “Temos uma liga com 60% de estrangeiros, os portugueses emigram ou não têm trabalho”, diz o líder de 45 anos. O sindicato está presente em todos os organismos “que importam no futebol”, e também nos balneários – mas aí nem sempre é bem-

vindo para os dirigentes. Se o clube lhes veda a entrada, reúne-se o plantel num hotel, a custo zero, porque o sindicato garante que o local vai ficar cheio de jornalistas – o futebol tem esse poder.

## UM SINDICATO NO CASINO

■ Aqueles senhores de acto e palavra mecânica que trabalham na roleta, *blackjack* e banca francesa são cerca de mil em Portugal. Desse, 300 uniram-se ao Sindicato dos Profissionais de Banca dos Casinos. Pagam quotas de luxo: 22,50 euros os experientes, 10 euros os estagiários. É o preço de um sindicato capaz. Tudo em dia, garante o único e zeloso funcionário. João Teixeira, líder do SPBC – centenário em 2014 –, explica que os casinos são daqueles negócios *win/win*: quando corre bem ao patrão corre bem ao profissional de banca, que recebe mais gratificações. E agora não corre bem a nenhum. O dinheiro é escasso e os bons clientes desapareceram dos 11 casinos do País.

Baixa o negócio, sobra mão-de-obra. “Do Casino do Estoril saíram 200 e entraram muito menos”, diz o sindicalista de 58 anos. Ao sindicato chegam vários problemas. “Sobretudo nos cinco casinos da Solverde, que fazem tábua rasa da lei”, acusa. Reuniões gerais só em SOS. Na sede ou nos casinos, em presença ou ao telefone, João Teixeira atende todos, às vezes ensonado – trabalha até às 3h. ●